

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

05 DE MARÇO DE 2025

MATEUS 6.1-6,16-21

1 TEXTOS DO DIA

1.1 Salmo 51.1-13(14-19)

O Salmo 51 é um clamor de arrependimento do Rei Davi, escrito após seu pecado com Bate-Seba e o confronto com o profeta Natã (2Samuel 12). Nos versículos 1-13, Davi roga pela misericórdia de Deus, reconhecendo sua culpa e confessando sua total dependência da graça divina para ser purificado e renovado. Ele clama: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável. Não me lances fora da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito. Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário.”

Através destas palavras, podemos perceber que Davi compreende que sem a intervenção divina, ele permaneceria preso em seu pecado para sempre. E este é o ponto central deste Salmo: O arrependimento sincero não busca justificar ou encobrir as suas falhas, mas se entrega à misericórdia de Deus e confia nele. Além disso, o arrependimento também leva à transformação, sendo Deus mais uma vez o agente ativo na purificação e fortalecimento do coração dos seus filhos.

1.2 Joel 2.12-19

Joel 2.12-19 faz parte de um contexto de crise e arrependimento em Judá, durante o ministério do profeta Joel. Ele escreve em um tempo de calamidade, provavelmente marcado por uma praga de gafanhotos e forte seca, eventos vistos como um julgamento de Deus sobre o povo devido aos seus pecados.

Nos versículos 12-17, Deus, através de Joel, convoca o povo a um arrependimento sincero, dizendo: “rasguem o coração, e não as suas vestes” (Jl 2.13). Em outras

palavras, o que o Senhor quer que o seu povo volte a Ele com todo o coração, e não fiquem apenas buscando um arrependimento falso que se baseia em demonstrações externas e vazias. Nestes versículos, Joel também descreve algumas características de Deus: Ele é misericordioso e compassivo, lento para a ira e cheio de amor – características que se repetem ao longo do Antigo Testamento para demonstrar a paciência e o desejo de Deus de restaurar Seu povo.

Nos versículos seguintes (18-19), o texto muda para uma promessa de restauração. Joel anuncia que Deus responderá ao arrependimento do povo com compaixão, afastando a desgraça e enviando bênçãos. Deus promete acabar com a fome e a seca, garantindo a provisão e demonstrando Seu desejo de restaurar não só a prosperidade material, mas o relacionamento com Seu povo através do seu perdão.

1.3 2Coríntios 5.20b-6.10

Na passagem de 2 Coríntios 5.20b–6.10, o apóstolo Paulo chama os coríntios à reconciliação com Deus, os lembrando do sacrifício de Cristo, que “foi feito pecado por nós” para que pudéssemos ser considerados justos diante de Deus (5.21). Paulo, cuja autoridade apostólica estava sendo questionada em Corinto, enfatiza o sacrifício de Cristo, convidando os cristãos a refletirem sobre a seriedade de sua nova vida a partir dessa obra salvadora. Nesta sessão, ele ainda descreve as dificuldades que ele e seus colegas enfrentaram ao proclamar o Evangelho, afirmando que a autenticidade de seu ministério não depende da ausência de sofrimentos, mas da capacidade de perseverar, com a graça de Deus, em meio a elas.

Essa passagem adquire um significado especial no contexto da Quaresma, especialmente na Quarta-feira de Cinzas: a necessidade de arrependimento e dependência da misericórdia de Deus. Paulo nos lembra que a reconciliação é um dom da graça de Cristo. Isso leva os cristãos a examinar se, suas vidas refletem essa reconciliação.

1.4 Mateus 6.1-6,16-21

Em Mateus 6.1-6, 16-21, Jesus ensina sobre a atitude correta ao praticar atos de piedade, como dar esmolas, fazer orações e jejuns. Ele alerta para não realizarem essas práticas para “serem vistos pelos homens” (6.1). Em vez disso, Jesus instrui Seus discípulos a agir sem hipocrisia, mas com sinceridade e humildade. O objetivo da vida cristã não é agradar as pessoas, nem ganhar elogios por suas boas obras.

Jesus também orienta seus ouvintes a não acumularem “tesouros na terra”, que são passageiros, mas a buscarem “tesouros no céu”, que são eternos. Ele ainda explica que onde estiver o tesouro de uma pessoa, ali também estará seu coração.

2 APROFUNDAMENTO BÍBLICO

2.1 Mateus 6.1-6

v.1 - Este versículo é uma grande introdução ao tema desta passagem. Jesus adverte seus discípulos a evitar atos de piedade que são praticadas com a esperança de que outras pessoas percebam e fiquem impressionados com as suas atitudes. Muitas vezes o ser humano é tentado a exibir os seus feitos para se engrandecer. No entanto, nossas obras devem glorificar somente ao Pai.

v.2 - Jesus começa a abordar o verdadeiro motivo que os seus discípulos devem praticar obras de misericórdia: Para buscar a aprovação do Pai, e não dos seus semelhantes.

Ao dar esmolas, eles não devem “tocar trombetas diante de si”. Não há evidências de que os fariseus literalmente usassem trombetas, o termo é figurativo. Jesus está basicamente falando “não se promova.” Já “nas sinagogas e nas ruas” é literal, pois eram locais onde os hipócritas exibiam sua caridade buscando reconhecimento para si. Quando Jesus afirma que “eles já receberam sua recompensa,” quer dizer que já obtiveram o que buscavam: a glória dos homens.

O pecado de buscar a glória dos homens torna-se ainda mais evidente quando lembramos o propósito original da vida de serviço dos discípulos, descritos por Jesus como sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13-16). O chamado deles é viver de modo que suas boas obras inspirem outros a “glorificar o vosso Pai que está nos céus” (5.16).

Nesse contexto, as palavras de Jesus são severas, advertindo os discípulos sobre as motivações erradas que podem influenciá-los, como o desejo de reconhecimento ou realização pessoal.

v.3 - A expressão “ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita” não contradiz Mateus 5.16, onde Jesus ensina que nossas boas obras devem levar outros a glorificar a Deus. Lutero esclarece essa questão: "Assim, eu não vejo, embora outras pessoas possam ver." Aqui, a "mão esquerda" não simboliza quem vê minhas boas obras para glorificar a Deus, mas a mim mesmo, minha própria opinião sobre o que faço. Se minha "mão esquerda" não souber o que a "direita" faz, estarei livre do desejo de reconhecimento humano. Essa é a discrição que Cristo deseja, mesmo quando minhas ações são conhecidas publicamente. O ponto central é onde está o coração dos seus discípulos, e não uma regra sobre esconder doações, pois até quem oculta tudo pode secretamente desejar ser descoberto e elogiado por sua aparente humildade.

Embora Jesus não mencione este resultado, um dos benefícios das obras de misericórdia realmente secretas é que a pessoa que as recebe fica ignorante quanto ao agente humano que ofereceu a ajuda. Conseqüentemente, a pessoa cuja necessidade foi atendida pode agradecer a Deus — e a Deus apenas!

v.4 - Agora, as Palavras de Jesus são mais positivas. Aliás, esse tom acolhedor permeia todo o capítulo 6. Jesus convida seus discípulos a viverem suas vidas neste mundo sob o cuidado amoroso de Deus, confiando que Deus é seu Pai por sua causa. A promessa "E o vosso Pai, que vê em segredo, vos recompensará!" deixa claro que Deus resolverá tudo no final. Sua bênção é a única que realmente importa. Ele vê as boas obras, mesmo aquelas feitas em segredo. O ensino de Jesus liberta os seus discípulos da necessidade de aprovação dos outros.

Esta promessa de recompensa futura é repetida nos versículos 6 e 18 deste mesmo capítulo. Elas devem ser entendidas de forma escatológica, especialmente à luz da expectativa de perseguição para os discípulos de Jesus durante esta vida (5.10-12). A adição, por muitos manuscritos, de ἐν τῷ φανερῷ, “publicamente”, no final dos versículos 4, 6 e 18 teria o objetivo de diminuir a natureza escatológica da promessa, como se essas recompensas se referissem ao presente. Porém, é mais provável que “publicamente” seja uma referência ao fim dos tempos, ao que será revelado no Dia Final, já que está em contraste com a prática da esmola "em segredo"

v.5 - Após seu ensinamento sobre os verdadeiros motivos para realizar obras de caridade (6:1-4), Jesus aborda o tema da oração motivada corretamente. A oração que é agradável a Deus é simples, não prolixa, e está enraizada no conhecimento de que o Pai celestial conhece as necessidades dos discípulos de Jesus. Além disso, Jesus dá o que a igreja há muito tempo valoriza como "a Oração do Senhor" (6.9-13).

A oração é dirigida a Deus, e só Ele pode respondê-la de maneira adequada. Jesus ensina que é uma grande contradição e hipocrisia orar para ser visto e admirado pelos outros. Quem age assim, na verdade, desvia suas orações de Deus para as pessoas e já recebeu toda a resposta que vai obter.

v.6 - Ao usar o singular "Mas tu", Jesus torna o conselho mais pessoal. A expressão "quando orares" indica a expectativa de uma prática constante de oração. A ilustração de Jesus evita qualquer desvio na oração: ore em um quarto fechado, em segredo, onde ninguém possa vê-lo, exceto o Pai celestial, que vê o que é feito em segredo. Estar a sós com Deus facilita a oração sincera e quem sabe orar em segredo também saberá participar da oração coletiva.

2.2 Mateus 6.16-18

v.16 - Agora, Jesus adverte sobre o jejum usando mais uma vez "os hipócritas" como um exemplo negativo para os seus discípulos. Essa prática era muito comum na época como uma expressão de tristeza pelo pecado, buscando a misericórdia de Deus. Contudo, os fariseus haviam transformado o jejum em uma maneira de exibir uma imagem de grande piedade. Jesus destaca que aqueles que buscam a aprovação dos homens já receberam sua recompensa: o reconhecimento que tanto almejavam. Assim, ao perseguirem a glória humana, perdem a verdadeira recompensa que vem de Deus.

É interessante notar que Jesus assume que os seus ouvintes praticariam o jejum como parte regular de suas vidas espirituais. No entanto, hoje em dia, muitos cristãos sequer consideram essa possibilidade. Lutero defendia o jejum como algo natural e útil na vida cristã. Em seu Pequeno Catecismo, ele descreve o jejum e a preparação corporal como uma boa disciplina externa, particularmente em preparação para a Santa Ceia.

vv.17-18 - Jesus não impõe uma nova lei sobre o jejum nem condena a prática voluntária de jejuar, mas sim a hipocrisia associada ao jejum realizado para se promover.

2.3 Mateus 6.19-21

vv.19-20 - A partir destes versículos, Jesus adverte outro perigo na vida das pessoas: o de confiar nas suas posses. Por mais que os seus ouvintes fossem compostos principalmente por agricultores palestinos, camponeses e artesãos, que eram, na maioria, pessoas pobres, a idolatria às riquezas é tão universal que mesmo aqueles que não possuem muito, precisam ser alertados e ensinados a não dar aos bens uma prioridade muito alta em suas vidas.

De fato, depositar a confiança em riquezas materiais que são passageiras e somem com o tempo, não são um bom negócio. Bom mesmo é buscar aquelas riquezas que são eternas, isto é, as coisas celestiais. Em Cristo, há um tesouro que é inigualável. É aí que o coração de todos devem se firmar.

v.21 - Jesus ensina que onde colocamos nossa energia, desejo e afeto, lá está nosso tesouro. Quando o coração está focado em Cristo, em suas promessas e em sua palavra, as prioridades mudam. Não priorizamos mais meras posses terrenas, mas a fé salvadora. Assim, certos de nosso relacionamento com o Pai por meio do Filho, podemos usar o tempo de nossas vidas nas coisas que realmente importam e acumular tesouros no céu.

3 O QUE PREGAR?

Lutero afirmava que a justificação é a doutrina central da Igreja Cristã. No entanto, muitas vezes esta verdade se reduz a um termo teológico que perdeu o seu significado para as pessoas de hoje. Mesmo assim, até as pessoas que não levam em consideração a fé cristã buscam a justificação. Todos buscam a aprovação e querem se considerar bons e corretos. Quando falham em estar à altura dos seus próprios padrões ou dos seus companheiros (sem nem mencionar os padrões de Deus), dão explicações e desculpas para justificar sua conduta.

Essa busca pela justificação que vemos nas pessoas é um reflexo do que Paulo afirma em Romanos 2.14-15: “a Lei de Deus está escrita no coração humano”. Mesmo

aqueles que não conhecem a Palavra de Deus sentem a necessidade de afirmar: "Eu sou uma boa pessoa". Essa necessidade, porém, frequentemente se manifesta em justificativas, desculpas ou em busca da aprovação alheia. Coisas que não podem trazer a verdadeira paz.

Os textos do dia reforçam que essa justificação baseada em aparências externas são ilusões. No Salmo 51, Davi reconhece que suas ações não podem apagar seu pecado. A culpa continua. Ele clama por um coração puro e um espírito renovado, algo que só Deus pode criar (v. 10). E esse é o ponto central: a justificação verdadeira não vem de nós, mas de Deus, que age em nosso favor. Somente Ele pode fazer algo para sermos verdadeiramente bons aos seus olhos. Somente Ele pode dar um ponto final nesta busca interminável que o ser humano tem pela aprovação.

Em Joel 2.12-13, Deus então nos convida ao arrependimento sincero: "Rasguem o coração, e não as suas vestes". Esse chamado deixa claro que Deus não se interessa por gestos externos ou rituais vazios, mas por um coração contrito e entregue a Ele. Nossas ações não são o bastante e nunca vão ser. Então peça socorro! Deus atende. Jesus, no texto de Mateus 6, reforça essa mensagem ao advertir contra atos de piedade feitos apenas para "serem vistos pelos homens" (v. 1). Ele nos ensina que isso é pura hipocrisia e condena essa postura. O servir ao próximo em esmola e orações e até mesmo o jejum não devem ser meios de autopromoção. Buscar segurança em suas próprias ações é um erro. Por mais que essas ações externamente são boas, elas devem brotar como expressões genuínas de fé e dependência de Deus.

Por fim, 2 Coríntios 5.21 nos aponta para a solução definitiva: Jesus, que "foi feito pecado por nós", nos dá sua justiça. É em Cristo que encontramos a verdadeira justificação, um presente da graça. Deus nos considera bons e justos por causa do que ele fez. Isso é libertador! Não precisamos viver a nossa vida como escravos, sempre tentando provar o nosso valor para as pessoas que nos cercam. Deus nos considera bons. Ele declara que através de Cristo, somos seus valiosos filhos amados.

Assim, a Quarta-feira de Cinzas nos lembra que o arrependimento verdadeiro não é uma luta pessoal para limpar a nossa consciência ou melhorar a nossa imagem. Arrependimento é algo muito mais voltado ao reconhecimento. É entender que muitas vezes damos desculpas tolas na tentativa de esconder os nossos pecados. É humildemente confessar que nada do que fizemos, por mais que muitos aprovem, é o

suficiente. Ao invés disso, dependemos da graça de Deus em Cristo. E que bom que as coisas são assim! Estamos libertos das amarras da busca por aprovação humana.

Portanto, confessemos nossos pecados sem desculpas, abracemos a graça de Deus com humildade e vivamos na liberdade que Cristo nos dá, certos do perdão e do amor do Pai.

Eduardo Kuck Hoffmann

Dois Irmãos / RS